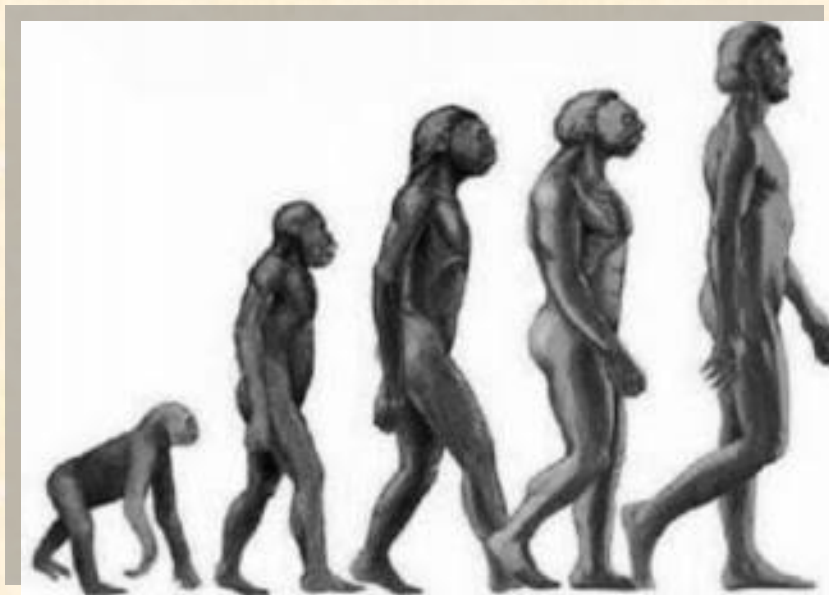




Resenha – Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem de Friedrich Engels

Maressa Abad Vendramini¹
Eliana Santos²

Em sua obra “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, escrita em 1876, Friedrich Engels afirma que o trabalho é a fonte de toda riqueza, e que sua relação com o homem é tão profunda que ele ousa afirmar que o trabalho criou o próprio homem, sendo uma condição básica e fundamental para toda a vida humana. Vale ressaltar que a obra foi escrita durante a primeira Revolução Industrial, conhecida pelo trabalho fabril em condições insalubres, por se utilizar de mão de obra infantil e por jornadas de trabalho extenuantes. Como exemplifica Karl Marx, em seu livro O Capital de 1968, afirmando que as jornadas de trabalho feminino podiam chegar a doze horas, com menos de duas horas para as refeições, sobrando assim, apenas 6 horas do dia para descanso e traslado da fábrica até a residência.

¹ Estudante do Curso Técnico em Edificações – Colégio Estadual do Paraná.

² Professora orientadora – Disciplina Fundamentos do Trabalho.

Baseado nas ideias de Darwin, Engels relaciona as funções dadas aos seus pés e mãos pelos macacos e a forma com que se locomovem. Como às mãos foram dadas funções diferentes das dos pés, como construir telhados e ninhos, defender-se atirando frutos ou lutando, esses membros foram se diferenciando ao longo do processo evolutivo se adaptando às funções que lhes eram dadas. Assim, Engels afirma que a mão não é apenas o órgão do trabalho, mas também o produto dele.

Com o passar dos anos, através do processo de evolução hereditária, o homem foi se aprimorando no uso das mãos, passando a produzir obras de arte incríveis. Mas a mão é apenas um exemplo de como o corpo do ser humano foi se adaptando ao longo dos anos, visto que a mão não é um membro isolado, mas faz parte do corpo como um todo. Com a evolução do corpo do homem este também evoluiu a maneira com que exerce seu domínio sobre a natureza. O desenvolvimento do trabalho mostrou as vantagens de se desenvolver atividades em conjunto, contribuindo forçosamente para ajuntar ainda mais os humanos em sociedade. O que também levou ao desenvolvimento da laringe e dos órgãos da boca humana, diante da necessidade de comunicação através da fala. Por consequência o cérebro humano também foi se desenvolvendo de maneira a superar o dos primatas, que por sua vez levou ao desenvolvimento de seus sentidos e dos órgãos relacionados a eles, a crescente clareza de consciência. Essas evoluções são constantes e não cessam, até o homem estar acabado, levando ao surgimento da sociedade.

O autor afirma que o que distingue a sociedade humana de uma manada de macacos é o trabalho. O modo de alimentação dos animais, principalmente o de “exploração rapace”, também forçou mudanças em seu metabolismo, como pela falta de um alimento foi necessário se adaptar ao consumo de outro não habitual para a espécie. A alimentação mais variada ofereceu nutrientes mais variados, levando a condições químicas favoráveis para a transformação do macaco em homem. O surgimento do trabalho se dá com o surgimento das primeiras ferramentas de caça e pesca, também utilizadas como instrumentos de defesa.

Com uma alimentação mista diversificada com carne o cérebro humano pôde se desenvolver ainda mais, além de levar ao uso do fogo a à domesticação de animais. Levando o homem a ter novos hábitos alimentares, como o consumo de leite e derivados, e a ter uma oferta abundante de carne. O homem também aprender a sobreviver nos mais diversos climas, criando novas forma de trabalho, a partir das necessidades de abrigo e de cobrir seu corpo para se aquecer. Agora em sociedade, com linguagem bem desenvolvida, cérebro e corpos bem desenvolvidos as atividades desenvolvidas pelo homem foram ficando cada vez mais complexas, e seus objetivos mais elevados.

Outra transformação ocorrida desde o macaco até o homem, foi o explicar seus atos pelos seus pensamentos, não sendo apenas por causa de suas necessidades. Podendo assim dominar não somente o trabalho feito por suas mãos, mas também pelas mãos de outros. Os animais também moldam e influenciam o meio em que vivem, a natureza, mas de forma acidental por estarem presentes nela, diferente dos homens que o fazem de maneira intencional e premeditada, dominando-a de forma a servir às suas vontades.

Claro que este domínio não vem sem consequências imediatas ou remotas, mas com o tempo o homem vem aprendendo as leis da natureza. Existem ainda as consequências sociais desse domínio, como por doenças causadas pelo cultivo de um determinado alimento. Pode-se também aqui acrescentar o domínio sobre as terras e a privação da propriedade para a maioria da população, provocando desigualdade e luta de classes. Essa luta entre burguesia e proletariado só pode findar com a aniquilação da primeira e de todos os antagonismos de classe, transformando a ordem social vigente. Para tal se faz necessária uma revolução que transforme completamente os modos de produção.

Os modos de produção até então, só se preocupam com seu efeito útil do trabalho, sem levar em consideração suas consequências imediatas ou remotas, manifestadas pelo processo de repetição e acumulação gradual. A partir do esgotamento de terras livres houve a decadência da propriedade comunal, e todas as formas de trabalho vindouras posteriormente levaram à

divisão de classes, entre classes dominantes e classes oprimidas. Como pode-se observar no modo de produção capitalista, onde os interesses das classes dominantes se tornam o elemento propulsor da produção. Nesse modo de produção o único incentivo é a obtenção de lucro imediato através da venda ou troca da mercadoria produzida, sem levar em consideração as suas possíveis consequências. Consequências estas que podem ser ao consumidor, à natureza ou à sociedade.

Neste texto, Engels, inicia a sua análise pela abordagem à teoria da evolução de Darwin tendo o homem como o agente transformador dos materiais a este oferecidos pela natureza em riqueza. E este fator que nos diferencia dos demais seres vivos tem sido mal aproveitado e gerenciado de forma a trazer muitos malefícios a grande parte dos seres humanos, como podemos ver ao longo da história casos de escravidão, guerras por conquistas de terras, disputas por recursos naturais, entre muitos outros, presentes ainda hoje.

Atualmente podemos notar como as funções que damos a nossos membros e atividades que exercemos com nossos corpos nos moldam fisicamente. Veja como exemplo os pés de uma bailarina clássica, cheios de calos por causa do uso da sapatilha de ponta, ou as mãos de um jardineiro, calejadas pelo uso constante da enxada. Mas não são apenas essas mudanças, de certa forma, “desejadas” que ocorrem no físico dos trabalhadores, vale ressaltar o alto índice de LER (Lesão por Esforço Repetitivo), além das consequências mentais e emocionais, como alto índice de estresse e depressão, como consequências do exercício de atividades repetitivas. Como afirma Rodrigues et al. (2013), em seu artigo que analisou diversos estudos sobre as consequências do trabalho, a dor é um fator limitante que interfere não só na vida profissional, mas também pessoal, pois dificulta movimentos necessários em sua vida cotidiana, tendo também consequências psicossociais e traumas psicológicos: como quadros de frustração e depressão, o constrangimento por ter que provar a existência da doença e o medo da perda do emprego, que motivado por manter o padrão de vida, agrava o sentimento de frustração e inutilidade.

Ainda podemos destacar as horas que hoje passamos cerca de 1/3 dos nossos dias trabalhando, levando em consideração uma jornada de trabalho de 40 a 45 horas semanais, apesar de termos adquirido grandes melhorias nesse quesito desde os tempos de Engels, é comum ouvir alguém falar “Vivo para trabalhar, ao invés de trabalhar para viver”. De acordo com reportagem da BBC Brasil, do site g1, um estudo Australiano com trabalhadores acima dos 40 anos de idade mostrou que o ideal seria uma jornada de trabalho de 25 a 30 horas semanais:

“Colin McKenzie, um dos economistas envolvidos, disse que trabalhar longas horas era mais prejudicial ao cérebro do que ficar sem trabalhar - pessoas trabalhando cerca de 60 horas por semana apresentaram atividade cognitiva menor do que pessoas desempregadas. No entanto, trabalhar menos de 25 horas também causou redução de habilidade cognitiva.” (BBC Brasil)

Diante de tais levantamentos é possível afirmar que devemos levar em conta os limites do corpo e da mente humana, para melhores condições de trabalho, gerando uma maior qualidade de vida dos trabalhadores. Ainda não se pode deixar de considerar as necessidades dos empregadores e de produção. Mas ainda temos muito o que melhorar no que diz respeito ao poder de consumo dos trabalhadores, como a garantia de um salário mínimo que realmente cubra as necessidades básicas de uma família, além do direito ao ócio e tempo de lazer.

Levando em conta o que afirma Engels, sobre o papel do trabalho na formação do homem, e como este foi moldado pelo labor, é até assustador pensar em como as formas de trabalho atuais estão nos moldando e como seria o próximo ser na linhagem evolutiva humana. Talvez ele se assemelharia mais com um “robô” do que com o seu ancestral humano, sendo mais forte para aguentar esforços repetitivos sem se lesionar e quase sem emoções, um mecanismo de defesa frente às preções psicológicas sofridas por seus antepassados. Mas não somos “máquinas” feitas para trabalhar, mas seres humanos que precisam trabalhar para seu sustento e que podem fazê-lo de

maneira a trazer benefícios a todos os envolvidos. Para chegarmos lá ainda serão necessárias muitas mudanças e estudos, até para entendermos direito onde é o “lá”.

REFERÊNCIAS

Acesso em 09/04/2019, às 12h 40min
<http://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2016/04/pessoas-com-mais-de-40-tem-melhor-desempenho-se-trabalharem-3-dias-por-semana.html>

Engels, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** In: RocketEdition, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf> . Acesso em 25 de março de 2019.

Marx, K. **O Capital.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1968.

Rodrigues, B.C. et al. **Limitações e consequências na vida do trabalhador ocasionadas por doenças relacionadas ao trabalho.** In: Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, 14, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027986021> . Acesso em 9 de abril de 2019.